

Devir, Panta Rei e os renasceres

FERNANDA NICZ

Pode-se dizer que o princípio da vida é o DEVIR (do latim *devenire*, chegar), ou seja, o VIR a SER. O conceito de “tornar-se” foi apresentado primeiramente, no século V a. C., pelo filósofo grego Heráclito de Éfeso, que identificou a forma do Ser no Devir, pelo qual todas as coisas são sujeitas a tempo e transformação. Nada é; tudo está vindo a ser. Nada nem ninguém permanecem estáticos, tudo segue em contínua mutação. O pensamento do filósofo grego pode ser definido pela expressão grega Panta Rei (tudo flui) e explica-se na conhecida passagem: o rio muda a cada segundo, do mesmo modo que a pessoa muda a cada segundo. Sendo assim, uma mesma pessoa não pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois tanto ela quanto o rio já não são mais os mesmos no instante após o primeiro banho.

Ao nascer, os seres vêm ao mundo desnudos, puros, vulneráveis. Na infância, têm sua natureza, por muitas vezes, reprimida. Na juventude, acumulam as regras da maioria. O tempo acrescenta-lhes conceitos, valores, desejos, entre tantas outras “cobertas” que vão lhes preenchendo/cobrindo a alma de acordo com escolhas e caminhos trilhados.

E então, em alguma fase da vida, indícios de Devir entram em cena. Em meio às tantas cobertas, o indivíduo dá-se conta de que está a perder algumas descobertas e, ao mesmo tempo, afastando-se cada vez mais de sua essência – o que já nasceu com ele/o que já era antes de ser/ antes de impregnar-se de mundo. Tão misturado ao todo, esquece-se do que gosta, não desenvolve – ou nem chega a descobrir – seu dom (único, aquilo que só ele sabe fazer e que poderia transbordar ao mundo deixando um belo legado) e, o pior que pode acontecer, acomodar-se e passar a confundir habitual com natural.

Mas a vida impõe desconstrução e reconstrução constantes, como bem disse a poetisa, filósofa, psicóloga e psicanalista Viviane Mosé, em *O Homem que Sabe*. Assim, só se nasce uma vez, mas, renascer, mais de uma vez, numa só vida, talvez represente o VIR a SER citado no primeiro parágrafo. O que faz sentido hoje pode nada significar amanhã. Vive-se em sintonia – numa situação, relação ou espaço – por um tempo. Depois, o que não se transforma, arrasta-se. Tudo tem um ciclo. E, para nascer novamente,

é preciso, antes, esvaziar/desapegar. Deixar algo morrer para dar início ao necessário processo de tornar-se tudo o que pode SER. Monja Coen reforça: ser capaz de se mover e transformar junto com o movimento da vida é sabedoria, fluir em harmonia.

E aquele ser que, até então, passou a vida a cobrir-se, inicia sua transmutação. Descoberto, enfim, descobre-se. Desnudo, assombra-se diante do vazio impregnado de si mesmo sem as costumeiras referências em que se apoiar. O silêncio do vazio abre espaço para o autêntico vir novamente à tona – a singularidade se revela. É quando começa o reconstruir-se/vir a ser.

Nascer nessa vida – o que somos – é um presente. O que nos tornamos, por meio de renasceres, é presente nosso à vida e ao mundo.

Deixo-vos, por fim, uma pequena reflexão poética. Na poesia, a autora pede:

Gosto da estética!

Entre fases e frases, vive-se.

Entre terra e mar, equilibra-se.

Pra cada fase, uma frase

Que leva a outra fase.

Pra cada passo, um novo espaço

Onde ex passos já não cabem.

Por ser tudo, tanto e todo

É à margem, no vazio silencioso, em sua singularidade

Que se descobre de tudo, do todo e de tantos.

E, cara a cara consigo,

A missão única se apresenta.

Viver é isso;

Um eterno devir para dar conta das diferentes fases

(de si/da vida).

Vida é isso;

Evoluir partindo de si

E depois daí, transbordar o que de melhor há em ti.

Porque sem deixar legado

Não há nascido nem vivido, nem há sentido.

Há apenas, um inútil ensaio do que/quem poderia ter sido. 